

Jardim Exótica – Parte 1

Em nossos primeiros deslocamentos para o Parque Lage, logo percebemos que a Residência na Floresta seria impregnada da paisagem da cidade, sobretudo Copacabana, onde nos instalamos. Ao longo do primeiro mês nutrimos uma rotina de caminhadas na floresta, no palacete, entre turistas, funcionários da escola, animais, ruínas, plantas, trabalhadores dos jardins e do ICMBio. Esse vídeo-ensaio é uma composição em processo do que vem da nossa aclimatização entre ambientes.

Contexto: resumo do projeto inscrito

Reclimatização, enxertia e cruzamento de espécies (criolização - de plantas e pessoas), foram centrais para que a Coroa Portuguesa posicionasse o Brasil como uma *commodity* vegetal de alto valor no mercado internacional. No Rio de Janeiro, a paisagem foi transformada em um espetáculo pitoresco de variedades de plantas de todos os continentes: uma cena documentada em diversas pinturas panorâmicas ao longo do século XIX. Na perspectiva do colono, dispersar uma planta significou fincar uma estaca e tomar a terra para si.

Anna Tsing uma vez disse: “posso mostrar uma paisagem como protagonista de uma trama na qual humanos sejam apenas um tipo de personagem?”. A partir dessa pergunta, formulamos outra: como, a partir das interações entre-espécies e interações com a História “impressa” na floresta, podemos produzir anedotas ficcionais escritas e filmadas? Durante os meses de residência, seremos movidos pelo problema de fazer alianças mais-que-humanas, tendo a ficção como método para especular acerca de tal relação. Como reconhecer outros seres em sua alteridade, como personagens em uma narrativa? Dessa forma, a história que queremos contar

identifica os fios traçados entre os visitantes da floresta, os trabalhadores e estudantes da escola, Nayla, Maurício, vegetais, fungos, bactérias, pássaros e outros animais, mas também inclui a cidade que se espalha em todas as direções. Nos interessa especular, mas também adivinhar, sobretudo acerca da presença da floresta na malha urbana, porque ali parece residir um silêncio.

As categorias campo, floresta e cidade foram importadas pelos colonizadores. Apesar disso, o Rio de Janeiro ainda preserva um potencial de subversão de tal hierarquia. Algo que aponta para uma hipótese: pode o Rio de Janeiro transformar-se em uma cidade simbiótica? Podemos sonhar ali o fim da relação cidade-explora-campo-e-floresta a partir da diluição das fronteiras e das dualidades?